

Motivações para a abstinência relatadas por mulheres: uma análise fenomenológica a partir de Edith Stein

Júlia Campos da Costa Pereira¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6357-797X>

Carolina de Resende Damas Cardoso²

 <https://orcid.org/0000-0003-2798-1833>

Yuri Elias Gaspar³

 <https://orcid.org/0000-0002-4217-4848>

Roberta Vasconcelos Leite¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>

Objetivo: compreender como mulheres com histórico de uso abusivo de substâncias elaboram suas motivações para a abstinência, por meio do diálogo com a Fenomenologia de Edith Stein. **Metodologia:** estudo qualitativo realizado com três mulheres usuárias de drogas. As participantes, selecionadas por amostragem intencional, participaram de entrevistas individuais e semiestruturadas, que foram gravadas em registro sonoro e transcritas integralmente. A análise das entrevistas foi pautada no método fenomenológico. **Resultados:** vivências distintas (sensoriais, empáticas e volitivas) apareceram como mobilizadoras na elaboração de cada participante sobre seu processo de abstinência. Em diálogo com Stein, reconheceu-se como partilhado o processo de aceitação dessas vivências mobilizadoras, o reconhecimento da finitude humana e a ativação do querer voltado para a mudança do estado das coisas. **Conclusão:** conclui-se que é possível identificar elementos compartilhados, assim como é importante ressaltar a especificidade de cada história e reconhecer a singularidade de cada mulher que vivencia ou já vivenciou o abuso de substâncias.

Descritores: Motivação; Abstinência Alcoólica; Mulheres; Serviços de Saúde Mental.

Como citar este artigo

Pereira JCC, Cardoso CRD, Gaspar YE, Leite RV. Motivations for abstinence reported by women: a phenomenological analysis based on Edith Stein. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2024;20:e-211980 [cited ____-____-____]. Available from: _____ <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2024.211980>

ano mês dia

URL

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade de Medicina do Campus JK, Diamantina, MG, Brasil.

² Universidade Federal de Catalão, Pró-Reitoria de Políticas Estudantis, Catalão, GO, Brasil.

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Diamantina, MG, Brasil.

Motivations for abstinence reported by women: a phenomenological analysis based on Edith Stein

Objective: to understand how women with a history of substance abuse elaborate their motivations for abstinence, through dialogue with Edith Stein's Phenomenology. **Methodology:** qualitative study with three female drug users. The participants, who were chosen through deliberate sampling, took part in individual and semi-structured interviews that were audio-recorded and completely transcribed. Based on the phenomenological method, the interviews were analyzed. **Results:** distinct experiences (sensory, empathetic, and volitional) appear as mobilizing in the elaboration of each participant about their abstinence process. In dialogue with Stein, the process of acceptance of these mobilizing experiences was recognized, as well as the recognition of human finitude and the activation of the will aimed at changing the state of things. **Conclusion:** it is concluded that it is possible to identify shared elements, just as it is important to emphasize the specificity of each story and recognize the uniqueness of each woman who experiences or has experienced substance abuse.

Descriptors: Motivation; Alcohol Abstinence; Women; Mental Health Services.

Motivaciones para la abstinencia relatadas por mujeres: un análisis fenomenológico a partir de Edith Stein

Objetivo: comprender el modo como mujeres con antecedentes de abuso de sustancias elaboran sus motivaciones para la abstinencia, a través del diálogo con la Fenomenología de Edith Stein. **Metodología:** estudio cualitativo realizado con mujeres usuarias de drogas. Las participantes, que fueron elegidas por muestreo deliberado, participaron en entrevistas individuales y semiestructuradas que fueron grabadas en audio y transcritas en su totalidad. Las entrevistas se analizaron con base en el método fenomenológico. **Resultados:** distintas experiencias (sensoriales, empáticas y volitivas) aparecen como movilizadoras en la elaboración de cada participante sobre su proceso de abstinencia. En diálogo con Stein, se reconoció el proceso de aceptación de estas experiencias movilizadoras, el reconocimiento de la finitud humana y la activación de la voluntad encaminada a cambiar el estado de las cosas. **Conclusión:** se concluye que es posible identificar elementos compartidos, así como es importante enfatizar la especificidad de cada historia y reconocer la singularidad de cada mujer que vive o ha vivido el abuso de sustancias.

Descriptores: Motivación; Abstinencia Alcohólica; Mujeres; Servicios de Salud Mental.

Introdução

O uso indiscriminado de álcool e outras drogas é um problema multifatorial, que ultrapassa barreiras geográficas e tem mobilizado discussões, estudos e diferentes propostas de intervenção em todo mundo⁽¹⁾.

No Brasil, como conquista do movimento pela reforma psiquiátrica, a Lei 10.216 de 06 de abril de 2001 ampliou direitos dos usuários de serviços de saúde mental - incluindo os que sofrem por transtornos decorrentes do consumo de álcool e outras drogas - e redirecionou o modelo assistencial vigente até o momento⁽²⁾. No final do mesmo ano, a III Conferência Nacional de Saúde, entre outras consolidações, discorreu sobre a inclusão dos usuários abusivos de substâncias psicoativas e dependentes químicos na política de redução de danos, bem como reconheceu a indispensabilidade da individualização do cuidado dessas pessoas⁽³⁾. Nessa reestruturação, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) aparecem como importante estratégia da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sendo denominados CAPS Álcool e Drogas (CAPS AD) aqueles especializados no acolhimento e tratamento dessa população.

Em 2003, instituiu-se a Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas⁽⁴⁾. O documento traz uma interpretação abrangente do cenário e propõe possibilidades de enfrentamento ao uso abusivo de substâncias psicoativas, sendo que, entre as diretrizes, a atenção integral do usuário e a implementação de uma rede assistencial ganham enfoque em que o CAPS aparece como protagonista de um serviço especializado e contínuo.

Nos anos seguintes, houve avanços e retrocessos no que diz respeito às políticas públicas de saúde integral de dependentes químicos e pessoas com transtornos mentais. Após décadas promovendo e consolidando um movimento de compromisso com a autonomia e com a liberdade do indivíduo, iniciou-se um processo que parece caminhar na direção inversa. Transformações trazidas pela reforma psiquiátrica vêm sendo questionadas desde 2016, quando a "Nova Política Nacional de Saúde Mental" colocou mais uma vez em voga pautas polêmicas, como o incentivo à internação psiquiátrica e abordagens marcadas pelo punitivismo aos dependentes químicos. É importante que esses retrocessos sejam confrontados, para que os avanços da atenção psicossocial continuem a fazer parte da agenda política brasileira⁽⁵⁾. Nesse sentido, conhecer melhor a realidade dos usuários pode ser um caminho para a formulação de ações que atendam às novas demandas sociais, dentre as quais destaca-se o aumento do consumo de substâncias por mulheres.

O hábito de fazer uso de substâncias psicoativas comumente é lido como um comportamento masculino. Embora esse cenário esteja mudando, pois o uso

disfuncional dessas substâncias por mulheres é cada vez mais presente no cotidiano assistencial, estudos voltados para esse setor ainda não acompanham tais transformações: é comum que diferenças entre homens e mulheres sejam ignoradas, e as investigações voltadas para especificidades de gênero ainda são escassas⁽⁶⁾.

Não reconhecer a heterogeneidade dos usuários de drogas exclui e invisibiliza diferenças que podem ser cruciais para o entendimento da questão, em que se destaca como o abuso de substâncias rompe com as características socialmente prescritas do ser mulher, como a abnegada dedicação às funções reprodutivas e de cuidado. Tal ruptura remete aos estereótipos de gênero e aos julgamentos morais que recaem de modo mais incisivo sobre o comportamento feminino que no masculino. Antes mesmo do uso de alguma substância se tornar demasiado ou patológico, há grande desaprovção social sobre esse comportamento nas mulheres. Como aponta uma recente revisão sistemática da produção mundial sobre o tema, a literatura qualitativa demonstra claramente que as mulheres usuárias de drogas experimentam maiores níveis de estigma em comparação aos homens⁽⁷⁾.

O fato de serem alvo de estigmas, julgamentos e estarem expostas a padrões de comportamento mais rígidos dificulta a procura de tratamento por parte das mulheres. Como forma de se protegerem da pressão social e evitarem sentimentos de vergonha, elas tendem a esconder seu vício, contribuindo para sua manutenção⁽⁸⁾. Quando existe, a procura por tratamento tende a ser tardia, se comparada à busca por parte de homens, e num estado de gravidade maior⁽⁹⁾. Daí a importância de conhecer e analisar os usos femininos, ouvindo mulheres sobre suas experiências, reconhecendo suas heterogeneidades, de modo a subsidiar práticas de atenção e políticas para as usuárias atentas às suas diversas modalidades de uso, às circunstâncias sociais e ao ciclo vital⁽¹⁰⁾.

Esse movimento é urgente, dado que o tratamento disponível ainda é prioritariamente estruturado para atender à demanda masculina e não está preparado para abordar especificidades da saúde da mulher, ou a interseção entre consumo abusivo de substâncias e experiências de violência, que é recorrente na trajetória de usuárias. Tais barreiras estruturais contribuem para que as mulheres sejam minoria na assistência, inibindo a constituição de vínculos e o sentimento de pertencimento aos serviços existentes⁽¹¹⁾. As questões colocadas corroboram a subestimação do gênero feminino no cenário do tratamento ao abuso de drogas, o que pode estar associado ao maior número de tentativas e mortalidade por suicídio por mulheres usuárias⁽¹²⁾. Por tudo isso, a realização de estudos dedicados a compreender a experiência de mulheres que fazem uso

abusivo de substâncias é importante para ampliar a compreensão dessa mudança de cenário e auxiliar no enfrentamento dessa demanda social, orientando novos entendimentos que poderão ser traduzidos em políticas públicas equânimes^(10,13).

Instigados por esse desafio, iniciamos a presente pesquisa buscando ouvir mulheres que frequentam um CAPS AD sobre suas experiências. Na convivência com elas, especificidades da temática de gênero não eram o foco de seus relatos, ao passo que as motivações para a abstinência emergiram como centrais em suas elaborações. Por esta razão, este se tornou o objetivo da pesquisa: compreender como mulheres com histórico de uso abusivo de substâncias elaboram suas motivações para a abstinência. Falar sobre abstinência e tratamento à drogadição é complexo, pois além da diversidade social e cultural dos usuários, é importante não perder de vista a singularidade de cada história. Face a teorias generalistas que acabam por incorrer em mecanicismos e reducionismos, autores têm destacado a necessidade de evitar estigmas, ultrapassar preconceitos e realizar análises que enfoquem a pessoa por trás do vício⁽¹⁴⁾. Daí a escolha por realizar esse caminho na companhia de uma filósofa cuja vida e obra foi dedicada à compreensão da complexidade da pessoa humana.

A opção pela fenomenologia

Encontramos na fenomenologia clássica de Edmund Husserl (1859-1938) e Edith Stein (1891-1942) um referencial teórico-metodológico que nos auxilia a suspender ideias pré-concebidas para melhor nos aproximarmos dos sujeitos e de suas vivências⁽¹⁵⁻²¹⁾. Com a fenomenologia, ganha destaque a atenção às vivências em seus aspectos singulares e compartilhados⁽¹⁹⁾.

Nessa vertente, a busca de estruturas comuns em diferentes manifestações fenomênicas é sempre acompanhada pelo reconhecimento de que cada pessoa possui uma dimensão de mistério inesgotável. Tal reconhecimento aponta para as limitações presentes nas tentativas que buscam adentrar o terreno humano de modo totalizante e mecanicista⁽²²⁾, mas também preconiza o rigor do pesquisador no ato de dar testemunho das vivências que nos são comunicadas⁽²³⁾.

Para analisar as motivações da abstinência observando a precisão delineada pela fenomenologia, é necessário esclarecer brevemente como se constitui o ser humano e o significado do termo "motivação".

Ao investigar a possibilidade de conhecimento das coisas em si e da consciência intencional, Husserl analisou características específicas das vivências, que revelam a estrutura do ser humano como uma unidade constituída por três dimensões: corpórea, psíquica e espiritual⁽¹⁵⁾. Stein, discípula de Husserl, buscou aprofundar as investigações sobre a estrutura da pessoa humana⁽¹⁷⁻¹⁹⁾.

Segundo Stein, é possível delinear o âmbito da corporeidade humana no que se refere ao corpo material (*Körper*), pertencente à natureza e submetido plenamente às suas leis naturais mecânicas e causais⁽¹⁸⁾. Contudo, há uma qualidade própria do corpo de uma pessoa humana que o diferencia de um cadáver ou de uma máquina e que é sua dimensão vital. Stein o denomina "corpo vivo" (*Leib*)⁽¹⁸⁾. E o que significa vida? Esta delimita o âmbito interno da pessoa que é expresso externamente. Em primeiro lugar, o corpo vivo possui sensações, é capaz de sentir. As sensações são vivências que pertencem tanto à esfera física quanto à psíquica dos seres humanos. Segundo a filósofa, as sensações são vivências imanentes à consciência, ou seja, não possuem intencionalidade⁽¹⁸⁾.

Além das sensações, a vida também é expressa pelo movimento. Nesse sentido, outra qualidade do corpo vivo é a manifestação de movimentos próprios. Esse ponto é importante, pois sinaliza um tipo de legalidade diversa daquela mecanicista causal à qual o corpo vivo se encontra submetido. Aponta também para um novo âmbito de vivências humanas, quais sejam, aquelas psíquicas e as espirituais. Um corpo material sem vida, ou qualquer objeto natural, somente pode movimentar-se se receber um estímulo ou uma força proveniente de objetos naturais que lhe são circundantes. Os corpos vivos, por sua vez, podem se movimentar por impulsos internos, ou seja, a "origem" do próprio movimento é interna⁽¹⁹⁾.

Finalmente, caberia esclarecer o que se compreende por "impulsos internos". Estes constituem a dinâmica própria da psique, cujas vivências delimitam a esfera dos sentimentos e estados vitais; e, também, do espírito, aspecto que circunscreve as vivências especificamente humanas, que revelam a presença de um "cogito", ou de um "eu" reflexivo e livre⁽¹⁹⁾.

A esfera do espírito delimita o âmbito de atos intencionais da consciência que são acompanhados pela mirada do "eu"⁽¹⁶⁾. A mirada intencional faz com que o eu se volte para objetos que se encontram fora do fluxo da consciência, ou que são transcendentais a ele; ou, ainda, transforma em objetos as instâncias constitutivas da própria consciência, seja uma sensação ou um próprio ato, na medida em que também se coloca diante deles (refletindo sobre eles, por exemplo). Devido a essa natureza particular da esfera espiritual, as vivências intencionais a ela vinculadas requerem a abordagem de um tipo específico de "causalidade", que sustente a vinculação dos mesmos atos entre si e com seus respectivos objetos: a motivação. Nas palavras de Stein⁽¹⁶⁾, "[A motivação] é um *proceder* de um ato partindo do outro, um realizar-se ou ser realizado *de* um em virtude do outro, *pela razão* do outro. A estrutura das vivências, que são as únicas que podem entrar na relação

de motivação, é absolutamente decisiva para a essência dessa relação (p. 36, tradução nossa, grifos da autora)".

Portanto, a diferenciação entre causalidade mecânica e motivação é de suma importância para compreender a pessoa como sujeito encarnado no mundo, sem reduzir seus atos, seja aos condicionamentos de seu contexto, seja à pura espontaneidade individual que não considera as relações que lhe são constitutivas.

Stein⁽¹⁶⁾ chama de motivação um tipo específico de vinculação dos atos intencionais entre si ou entre atos intencionais e seus respectivos objetos. É importante ter claro que a motivação, enquanto lei que fundamenta a vida espiritual, é mais abrangente que a concepção de motivação como sinônimo de ato voluntário. Nesse sentido, nem todo ato motivado é fruto, necessariamente, de uma ação livre do eu.

Por se tratar de uma articulação entre vivências intencionais, a motivação une os atos, o que significa que eles não são apenas um agregado de vivências. Reconhecer que os objetos dos atos se constituem como motivos implica reconhecer que também os atos a eles correlatos são importantes nas relações de motivação. Existe uma conexão de sentido entre o motivo e o ato motivado, posto que se pode compreender cada ato em função do motivo que o instigou.

A motivação enquanto ato propriamente livre subjaz ao processo humano de tomar posição diante do que se vive. Liberdade não significa afirmar que o horizonte de ação humana seja ilimitado e sim que cada pessoa pode posicionar-se no sentido de responder ao jogo de estímulos e respostas em que está imersa, dando ou não seguimento aos convites que a interpelam⁽¹⁹⁾.

Portanto, pesquisar motivações a partir das contribuições de Stein implica em reconhecer a inalienável capacidade da pessoa humana de se posicionar ante o que vive a partir da apreensão de sentido, até mesmo quando sua opção é por deixar-se conduzir pela causalidade psíquica⁽¹⁶⁻¹⁹⁾. Nesse sentido, como afirmado, o presente trabalho objetiva compreender como mulheres com histórico de uso abusivo de substâncias elaboram suas motivações para a abstinência, por meio do diálogo com a Fenomenologia de Stein.

Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa fenomenológica, realizada no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) de Diamantina, MG, Brasil. O CAPS AD é a única instituição especializada em atendimentos de pessoas com dependência química em funcionamento na cidade, sendo referência no acolhimento desses pacientes de toda a microrregião do Alto Vale do Jequitinhonha. Os dados deste estudo são decorrentes de um recorte de pesquisa sobre motivação

para o consumo de substância psicoativas, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (CAAE: 19682619.4.0000.5108). A concessão das participantes foi assegurada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para garantir seu anonimato, foram designados nomes fictícios.

A coleta de dados ocorreu em trabalho de campo realizado no CAPS AD durante 4 meses de 2019. Foram realizadas várias visitas à instituição, visando uma vivência comunitária que propiciasse aproximação e vínculo com as participantes em potencial e com a instituição, além de uma possibilidade de ser com eles⁽²²⁾. O acesso às participantes aconteceu por conveniência, sendo elas as pessoas que estavam no local nos dias e horários das visitas da entrevistadora. Os critérios de inclusão eram ser mulher, ter vínculo com o CAPS AD, ser maior de 18 anos, disponibilidade e interesse em relatar suas experiências. As entrevistas, realizadas pela primeira autora, aconteceram com três mulheres negras, de meia-idade e baixo poder aquisitivo. O propósito era proporcionar um enfoque nas vivências femininas, visando contribuir para um entendimento mais profundo acerca do assunto e ir no sentido oposto à homogeneização, no que tange a gênero.

As entrevistas foram feitas de forma individual e semiestruturada, tendo como pergunta disparadora: "Você poderia me contar sua trajetória de envolvimento com substâncias?". Apenas uma paciente da instituição recusou participar da entrevista, alegando desconforto ao relatar sua história. A proposta era delimitar um assunto, mas dar liberdade para que as participantes elaborassem suas histórias. As perguntas subsequentes variaram de acordo com a abertura da participante e o desígnio da entrevistadora. Todas as entrevistas aconteceram no ambiente do CAPS AD, em uma sala reservada, ocupada apenas pela entrevistadora e pela participante para preservar o sigilo das informações, e tiveram durações variáveis.

As entrevistas foram realizadas uma única vez com cada participante, com duração máxima de 40 minutos, gravadas em registro sonoro e transcritas integralmente, não tendo sido feita nenhuma anotação durante as mesmas. Após transcrição, os relatos não foram enviados às participantes para correções ou comentários, sendo acessados, discutidos e analisados apenas pelos pesquisadores autores do presente artigo, com o objetivo de apropriação do material colhido.

Ancoradas nas diretrizes de van der Leeuw, as análises partiram de uma ordenação inicial dos relatos em eixos temáticos, acompanhada de inserção metódica na própria vida com vistas à elucidação das vivências e clarificação das conexões de sentido⁽²³⁾. A análise de cada entrevista reúne diversas formas de posicionamento

da participante para chegar a uma síntese complexa, característica de seu modo pessoal de elaboração da experiência, em diálogo com as contribuições de Stein. Logo após, apresenta-se uma proposta de experiência típica de motivação à abstinência, a partir dos elementos que emergem como estruturantes nas três análises.

A pesquisa prevê uma devolutiva para as participantes e para o CAPS AD, assim que todas as análises forem concluídas.

Resultados e Discussão

O CAPS AD, ambiente de realização das entrevistas, funciona atualmente em uma casa alugada. O ambiente é agradável, com cartazes coloridos nas paredes e, apesar de não ser grande, comporta bem os atendimentos e oferece aos usuários a possibilidade de convivência em um amplo espaço comum. O serviço oferece refeições e recebe usuários de vários municípios do Alto Vale do Jequitinhonha, que enfrentam horas de viagem para serem acompanhados pela equipe. A maior demanda de atendimento ainda é masculina, sendo as mulheres correspondem a cerca de 30% dos atendidos.

Na primeira visita ao local, destinada à coleta das histórias, foi possível concluir 2 das 3 entrevistas aqui analisadas. A primeira delas foi com Elza, que, à época, frequentava diariamente o CAPS AD e estava lá em todas as visitas da pesquisadora. Uma mulher magra, de pele preta e aparência envelhecida, que compartilhou suas vivências com timidez e acanhamento. Seu pseudônimo foi escolhido em homenagem a Elza Soares, cantora brasileira que, através da sua história e de suas músicas, instiga discussões acerca de pautas raciais e de gênero. Já Elis estava no CAPS AD naquele dia acompanhando seu filho, que também fazia tratamento no local. Aceitou participar da pesquisa sem hesitar, alegando poder ajudar outras pessoas com a sua história de superação. Uma mulher parda, de meia idade e muito entusiasmo, que teve seu pseudônimo escolhido em homenagem à cantora brasileira Elis Regina. A entrevista de Maria foi realizada em uma outra data, quando ela veio de outra cidade para realizar seu tratamento. O pseudônimo foi escolhido em homenagem à música "Maria, Maria", de Milton Nascimento e Fernando Brant, eternizada na voz de Elis Regina, que retrata a força exigida de mulheres negras de classes baixas.

A seguir, serão apresentados alguns dos principais aspectos presentes nas entrevistas, e que ilustram as intrincadas relações de motivação que orientaram o posicionamento das mulheres entrevistadas.

Elza - a motivação presente nas conexões psicofísicas

Elza expôs durante a entrevista que iniciou o consumo de álcool na adolescência, acompanhada

por algumas amigas, mas negou que houve influência externa para o abuso da substância. Segundo seu relato, o envolvimento com bebidas alcoólicas surgiu por decisão própria, a partir da observação de pessoas alcoolizadas: *Eu pensava: "gente, esse povo tá tudo doido, o que será que aconteceu? Vou tomar uma também pra ver".* *Aí perguntava: "quê que vocês tomaram?" "Foi cerveja". (...)* *Aí foi uma, foi duas, foi indo... aí entrei* (Elza).

Tendo consumido bebidas alcoólicas por anos, certo dia ela sofreu uma queda em casa, após ingerir uma grande quantidade. Foi levada pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e ficou dois dias internada no Centro de Terapia Intensiva (CTI). A partir desse evento, ela afirmou que cessou o consumo de álcool: *falei assim: "nunca mais"* (Elza). Em seu relato, fica evidente a perplexidade diante do acontecimento, principalmente no que diz respeito à falta de memória dos fatos e à incapacidade de elaborar suas sensações. *Eu ficava com aquilo na cabeça: "mãe, como que eu caí? Mãe, eu não lembro. Mãe, como que foi?"* (Elza). A gravidade da queda, sendo a recuperação sem sequelas descrita por ela como um milagre, contribuiu para a decisão de abstinência. Desde então, ela frequentava o CAPS AD, a convite de seu irmão.

Foram destacados acima dois momentos basilares da experiência de Elza: o início do vício e a decisão para a abstinência. Em ambas as circunstâncias, pode-se depreender os meandros das relações motivacionais expressas em suas descrições.

Em primeiro lugar, Elza relatou sua atenção à dimensão psicofísica alheia, ao descrever a expressão da corporeidade de pessoas alcoolizadas como estímulo para o seu interesse pela bebida. É por meio da expressão corporal alheia que se pode ter acesso à vida interior de outras pessoas. Pode-se dizer que, dentre outras vivências, a percepção externa e a empatia atuaram para que Elza interpretasse a manifestação corporal de outras pessoas como prazer, felicidade ou, de qualquer forma, um estado subjetivo agradável (e, portanto, sedutor e decisivo para convidá-la a querer o mesmo). Ela o descreveu como a percepção de uma afetividade à "flor da pele" ("*esse povo tá tudo doido*"), o que caracteriza, de fato, a unidade psicofísica da estrutura humana.

Para Stein, a motivação ocorre na presença de um motivo, que pode ser um valor, quando da manifestação de atos espirituais volitivos e livres, mas também pode ser de qualquer outra natureza e/ou circunstância⁽¹⁶⁾. Nesse sentido, ainda que nas relações de motivação haja a presença do eu, este não é necessariamente livre. No caso da experiência vivida de Elza, segundo seu próprio relato, o fator motivador do início do vício foi o objeto de sua percepção (a afetividade de pessoas alheias). Já a reflexão sobre as consequências,

a vontade e a decisão pela abstinência emergiram quando da “falta” percebida de uma vivência que deveria fazer parte do fluxo de vivências, mas se perdeu. Trata-se da percepção de seu próprio esquecimento, o que a motiva pela livre decisão de buscar um tratamento para sua condição.

Além disso, ao decidir parar, ela tomou atitudes de não frequentar lugares em que o álcool estivesse presente, como festas na casa do irmão, e até os corredores do supermercado em que as bebidas são colocadas. *Hoje eu não suporto o cheiro. Não aguento. Nem a pessoa que bebe eu não fico perto* (Elza). Sua elaboração indica que, ao optar pela abstinência, ela cessa todo o contato com bebidas e pessoas alcoolizadas, demonstrando um cuidado especial com a dimensão psicofísica ao evitar os motivos que a conduzem aos velhos hábitos.

Assim, a corporeidade, colocada como o ponto inicial de orientação em relação ao mundo⁽²⁴⁾, apareceu como condicionante nas experiências relatadas por Elza. O início do consumo de álcool e a decisão pela abstinência atravessam a corporeidade, como um ciclo que tem início e fim apoiado na mesma dimensão.

Elis - a motivação a partir de vivências compartilhadas

Elis afirmou ter iniciado o consumo de cigarro na infância, ao cotidianamente ter sido solicitada a acendê-lo para levar à sua madrinha, e deu continuidade ao vício por mais de 30 anos. O consumo de bebida alcoólica teve início na adolescência e se agravou mais tarde, com a perda do companheiro: *Aí depois que eu fiquei viúva foi que eu... Aí que eu comecei a beber muito, mas muito mesmo, sabe?* (Elis)

Além de sua viuvez precoce, ela relatou a perda da mãe devido ao uso nocivo de álcool ainda na infância, a perda de um irmão também pelo uso excessivo de álcool e a história de pessoas que sofreram amputação e adquiriram câncer em virtude do consumo de cigarro. Todos esses acontecimentos foram elaborados por ela como motivadores para reflexão acerca da necessidade de mudar seu comportamento de vício. Ela ainda ressaltou uma situação que vivenciou com o filho, em que ele teria afirmado: *“Mãe, a pessoa que fuma... vício a pessoa larga quando ela quer, isso é falta de vergonha na cara”. Aí eu falei: é. E pensei comigo: ele tá certo* (Elis).

Percebendo-se instigada a deixar o vício, Elis contou que seu processo de abstinência se ancorou em sua fé em Nossa Senhora e no *trabalho mental* que ela realizou consigo mesma. *Eu falei: “Nossa Senhora, até hoje eu tentei parar de fumar sozinha e eu não consegui, mas com Sua ajuda a partir de hoje eu não quero isso mais”* (Elis).

Elis ainda relatou que tem um filho envolvido com o uso de drogas e que, após superação do vício, ela *tem mais moral pra falar com ele* (Elis).

Em todo percurso de Elis é possível perceber a importância que as relações ocupam na sua trajetória: ela intensifica o uso de álcool a partir da perda precoce do companheiro e cessa o consumo mobilizada por acontecimentos em que destaca seu relacionamento com o divino e pessoas da sua convivência.

Acompanhar a experiência de outras pessoas fez com que a vivência alheia se manifestasse na própria vivência de Elis⁽¹⁸⁾. Ela passou a observar suas atitudes, no que diz respeito ao vício, utilizando as vivências de outras pessoas para complementar as percepções que ela já tinha sobre si mesma e suas adições. Ao identificar semelhança entre os hábitos que ela mantinha e os hábitos dos seus conhecidos, ela compreendeu que poderia vivenciar os mesmos desfechos que essas pessoas tiveram, caso mantivesse o consumo demasiado de substâncias. Assim, tomou a decisão de adentrar no processo de abstinência.

Trata-se de uma decisão pautada em uma vivência comunitária. A definição de uma vivência comunitária, para Stein, está sustentada a partir de uma apreensão por parte de duas ou mais pessoas, de um mesmo objeto portador de um mesmo sentido⁽¹⁶⁾. A vivência comunitária pode se referir também às experiências (*Erfahrung*) suscitadas a partir daquela apreensão. Tais experiências dizem respeito às recordações, expectativas, suspeitas, conclusões, de modo que o pressuposto para a manifestação das mesmas, enquanto vivências supraindividuais, é a abertura dos indivíduos à vida comum, pautada em um entendimento de trocas entre as pessoas (*Welchselverständnis*) – por sua vez, sustentado pela empatia, ou apreensão da subjetividade alheia. Nesse sentido, a constituição das experiências individuais é também fruto de uma experiência comunitária⁽¹⁶⁾.

A empatia, por sua vez, é uma vivência intencional, representativa (porque está fundada em outras vivências, como a percepção externa e interna, a memória e a fantasia), que possibilita o conhecimento de outras pessoas e o conhecimento intersubjetivo (ou seja, compartilhado) do mundo. Em suma, a empatia permite o (re)conhecimento de pessoas humanas⁽¹⁸⁾.

A capacidade de estar atenta às informações apreendidas via empatia e posicionar-se a partir delas é um processo recorrentemente observado no relato de Elis. Já o ato da decisão (pela abstinência), enquanto um ato livre, pressupõe um motivo, mas também necessita de um impulso que não seja, ele mesmo, partícipe das relações de motivação⁽¹⁶⁾. Entra, aqui, o papel do propósito (*Vorsatz*), enquanto uma das possibilidades do querer. O propósito está dirigido a uma meta possível de ser realizada, de modo a apontar para uma conduta do eu, que pressupõe, por sua vez, a atualização dos atos livres. Com a intenção de realização de um estado de

coisas (no caso, de abster-se do vício), entram em cena a tomada de posição da vontade e, por fim, a ação.

Em síntese e, contemplando as três nuances do querer, há, num primeiro momento, um querer deixar o vício, que a encaminha à conduta desejada, ainda que não se sinta imediatamente capaz (primeiro sentido do querer). A seguir, houve, nela, o propósito de abster-se do vício, enquanto meta factível, possível (segundo sentido do querer, delineado enquanto uma intenção). Acresce-se aqui relações de motivação de outra natureza, no caso específico de Elis, que dizem respeito à sua religiosidade. Numa mirada fenomenológica, a aceitação da presença do divino é um processo complexo que envolve todas as dimensões humanas (corpóreo, psíquica e espiritual)⁽²⁵⁾. Dessa forma, as relações, sendo elas humanas ou espirituais, aparecem como a essência dos posicionamentos de Elis. Ela já tinha tentado superar o vício em outros momentos e, motivada pela constatação de um limite pessoal, relatou ter conseguido se manter em abstinência devido a uma experiência com o divino.

E, para que a concretização da abstinência de fato ocorresse, houve a necessidade da presença dos atos voluntários. É possível que, inicialmente, o ato voluntário que intenciona a abstinência não seja autêntico ou vivo nela (sua vontade mais autêntica seja continuar consumindo bebidas alcoólicas). Entretanto, ainda que de forma inautêntica, a princípio, ela se colocou à disposição da realização de sua meta, por meio de uma atualização da vontade, voltando seu propósito para isso (terceiro sentido do querer).

Maria - motivação fruto do despertar do eu

Maria conta que adquiriu o vício pelo álcool aos 27 anos. Embora reporte um cenário familiar em que há muitas pessoas envolvidas com o alcoolismo, ela não associa seu vício a esse histórico. O marco por ela escolhido foi a idade em que voltou a se relacionar com o pai de seu filho, que era alcoólatra. *Eu tinha voltado pro pai do meu menino e (...) vendo ele beber todo dia, todo dia, eu comecei também* (Maria).

Maria ainda relata o preconceito que sofria por ser alcoólatra: *É uma coisa que todo mundo te olha de mau jeito, né? Não tem confiança. As pessoas perdem a confiança. Olhava de olho torto. A gente sofre muito preconceito* (Maria).

Embora diga que no início não havia problemas, já que *quando 'tava bebendo 'tava tudo bem*, Maria expõe que, com o passar do tempo, começou a *ficar meio perturbada*. Ela relata alucinações auditivas de teor ameaçativo. *A bebida já estava me fazendo ouvir vozes. Eu escutava as pessoas falando coisas assim que não... não tinha ninguém, eu escutava falando (..) que tinha gente querendo me matar* (Maria).

Durante a entrevista, Maria evidencia que esses episódios passaram a ocorrer com certa frequência, *era SAMU direto me buscando*, até que ela vivenciou dois episódios consecutivos (com 2 dias de intervalo), em que passou muito mal e foi levada ao hospital com um sangramento nasal recorrente e alucinações auditivas. Maria relata que ficou internada por alguns dias e cessou o contato com o álcool. *Era uma coisa horrível (...) a partir desse dia nunca mais eu bebi* (Maria).

Ao narrar outro episódio, posterior a essa decisão, a questão da finitude humana se reapresenta. Ela expõe o medo que a mãe tinha da sua morte e atribui esse fato à perda de uma prima, também alcoólatra. *Ela morria de medo de eu morrer. Perdemos uma prima minha, um ano mais nova que eu, por causa de bebida. Ela... veio a falecer. O fígado dela estava saindo pela boca. Eu não estava lá não, mamãe que contou pelo telefone, ela viu essa menina no caixão (...) a menina parecia muito comigo. A mamãe entrou num desespero* (Maria).

Nesses relatos, o horror diante da perda do controle sobre si e da possibilidade de morrer como a prima emergem como mobilizadores para sua decisão pela abstinência. Maria passou por uma série de situações em que esteve às voltas de perder o governo de si até decidir pela interrupção do consumo de álcool.

Como já mencionamos no caso de Elis, o mesmo movimento do ato do querer pode ser observado a partir da descrição da experiência de Maria, bem como as intrincadas relações de motivação que perpassam os vínculos com outras pessoas. Dentre as diversas experiências relatadas, destacamos o medo da morte e da perda do controle de si como motivos da abstinência. O medo, no caso de Maria, pode ser descrito a partir do decorrer de vivências sensoriais e psicológicas (reações) dispostas no fluxo de consciência, o que implica em correlações com outras vivências do mesmo fluxo. Inicialmente, Maria descreveu que não se posicionava frente aos primeiros acontecimentos, seja quando passava mal, seja quando percebia que as pessoas perdiam a confiança nela. Seu relato indica que, a princípio, ela não acolhia as reverberações desses acontecimentos para si. Nesse sentido, é como se o aspecto espiritual (deliberativo e livre) de Maria estivesse entorpecido. Contudo, aos poucos, Maria vai se dando conta dos efeitos que esses acontecimentos suscitaram nela. O dar-se conta de algo se relaciona, portanto, com o despertar da presença do eu que acompanha as vivências sensoriais e psicológicas⁽¹⁷⁾. Dessa forma, há a possibilidade da tomada de posição da vontade e da ação resultante.

Esse nível de vivências, que são fruto de um olhar desperto do eu, estão submetidas, portanto, às relações de motivação. Aqui se encontra o início do domínio da razão⁽¹⁶⁾. Nas palavras de Stein, "toda a vida dos atos está submetida às leis da razão [enquanto possibilidade]

que levam o sujeito ao autodiscernimento e graças às quais o último pode medir de fato o curso de suas motivações⁽¹⁶⁾ (p. 38, tradução nossa).

Entrelaçando trajetórias: uma experiência típica de motivação à abstinência

No caso da abstinência do uso abusivo de substâncias relatada pelas entrevistadas, constatou-se a centralidade da tomada de posição da vontade e do envolvimento dos aspectos espirituais. Analisando as três histórias conjuntamente identifica-se a importância de vivências sensoriais, empáticas e volitivas como mobilizadoras para o processo de abstinência. Cada participante seguiu um percurso e a análise de seus caminhos nos permitiu encontrar tanto particularidades que revelam a singularidade de cada uma quanto aspectos em comum, descritas abaixo.

Experiência vivida como acontecimento provocador

Todas as participantes vivenciaram acontecimentos que foram mobilizadores no processo de abstinência. Elas elaboraram as provocações desses acontecimentos que indicavam um certo caminho para si. Diante dessas vivências, elas relatam terem apreendido os acontecimentos como elos do fluxo motivacional que as direcionaram a cessar o consumo do álcool - ou do álcool e do cigarro, quando falamos de Elis.

Não se pode fazer uma leitura mecanicista como se tais acontecimentos fossem a causa da abstinência: é clara a importância do posicionamento das mulheres que acolhem os convites ali reconhecidos e decidem se mover em certa direção a partir disso.

Reconhecimento da finitude própria ou alheia como solicitador de mudança.

Diante das provocações dos acontecimentos vividos, as entrevistadas refletem sobre a própria experiência, aceitando e acolhendo as indicações que emergem dali. É uma indicação central refere-se ao reconhecimento da finitude humana, a partir de vivências próprias ou alheias.

Elza deu-se conta de que poderia ter morrido e elabora como esse acontecimento foi crucial no ato de encerrar o ciclo da sua drogadição. Ciclo que, segundo ela, começou com o interesse despertado ao observar os efeitos do álcool sobre a corporeidade alheia. O processo de aceitação do vício como comportamento que aproxima as pessoas da finitude foi vivido por Elis principalmente por meio da observação dos desfechos de pessoas com hábitos semelhantes aos dela. Ela realiza o movimento de complementar a percepção dos limites de si mesma com essas vivências alheias. Maria passou por diversos acontecimentos que a levaram à sensação de perda de governo de si e de possibilidade iminente de morrer, os quais podem ser compreendidos como sinais da própria finitude. Percebendo-se uma pessoa "perturbada",

que não era tida como confiável pelos demais e que poderia falecer como a prima em decorrência do vício, a consciência dos próprios limites vai se avolumando até o episódio "horível" que marca o início da abstinência.

Os caminhos foram variáveis, mas todas passaram pela reflexão pós-acontecimentos. Stein afirma que muitas vezes as vivências de forte intensidade precisam de um certo distanciamento para serem analisadas com clareza⁽¹⁶⁾. As vivências de Elis, apesar de não serem de forte intensidade em relação à dimensão psicofísica, tiveram sua intensidade ligada à dimensão psíquica, dada a grande tristeza vivenciada diante das perdas.

Do propósito à ação: o querer voltado para a mudança do estado das coisas

Na análise das entrevistas, foi possível apreender o seguinte movimento: cada mulher, acolhendo experiências enquanto acontecimentos, estabelece um propósito que mobiliza a ação, optando por cessar o consumo das substâncias. É interessante salientar o querer na trajetória das três participantes. Os atos livres, onde baseou-se o curso realizado por elas, dependem de motivação, mas também de escolhas, sendo essas realizadas no âmbito do querer. Stein recorre à análise de D. Von Hildebrand que discorre sobre os diferentes conceitos de querer⁽¹⁶⁾. Concentramo-nos no querer voltado para a realização de um estado de coisas, sendo, para nós, o momento em que cessam o consumo das substâncias, representando o início do movimento que as levam à abstinência.

Para as três participantes, esse movimento ocorreu de forma abrupta. Elza e Maria iniciam esse processo logo após a internação no hospital. Já Elis se vê mobilizada a partir de sua relação com o divino. A partir de suas vivências e na singularidade das suas percepções elas acolheram para si os acontecimentos e optaram por cessar o consumo das substâncias. O trajeto foi percorrido de maneiras distintas; no entanto, o elemento comum é a busca por assumir o protagonismo de sua própria vida, muitas vezes perdidos pelo automatismo do vício.

Conclusão

A partir do nosso encontro com algumas mulheres num CAPS AD, pudemos identificar como vivências distintas (sensoriais, empáticas e volitivas) podem ser mobilizadoras na elaboração sobre processos de abstinência. Em diálogo com Stein, reconhecemos como compartilhado o processo de aceitação dessas vivências mobilizadoras, o reconhecimento da finitude humana e a ativação do querer voltado para a mudança do estado das coisas.

Partindo do interesse de contribuir para elucidações sobre o uso abusivo de substâncias e a abstinência em um contexto feminino, concluímos que é possível

identificar elementos compartilhados, assim como é importante ressaltar a especificidade de cada história e reconhecer a personalidade de cada mulher que vivencia ou já vivenciou o vício. Embora óbvia, essa conclusão merece ser continuamente retomada, dada a despersonalização a que frequentemente são submetidas as mulheres com trajetórias de vício. As três mulheres participantes da pesquisa possuem histórias distintas, que se encontram não apenas nos traços de uma vida difícil, mas especialmente nos modos de se posicionarem de forma pessoal ao escolherem seguir o caminho incerto e custoso de interromper o uso abusivo de substâncias.

O presente estudo buscou analisar vivências de cada participante e refletir sobre a abstinência enquanto fenômeno propriamente humano, buscando compreender os elementos centrais que se revelaram em suas elaborações. As vivências mobilizadoras mostram tanto a constituição singular de cada participante, evidenciadas pelos acontecimentos que cada uma acolheu em si, quanto o caráter ativo da pessoa humana, inalienavelmente dotada da capacidade de atuar como sujeito diante dos acontecimentos.

Nossos resultados convidam a reconhecer que o consumo excessivo de substâncias expõe os pacientes a muitas situações, mas os fenômenos sobre os quais cada pessoa reflete, transfigurando sensação em elaboração, são distintos. O movimento de refletir sobre algo e, de fato, percebê-lo, não depende de anuência, e é exatamente isso que explicita as constituições próprias da estrutura de cada sujeito.

Ao mesmo tempo, é possível apreender traços comuns nas trajetórias, como a importância da elaboração das provocações dos acontecimentos vivenciados, a força mobilizadora da percepção de finitude a partir da experiência de quase morte - própria ou alheia - e a capacidade de estabelecer propósitos que mobilizam a ação, mesmo em situações de muita fragilidade.

Lançando uma mirada sobre o conjunto de nosso percurso de pesquisa, emerge o questionamento se o mergulho nas experiências de cada participante, bem como o esforço por entrelaçar suas trajetórias, permite realizar uma discussão também em termos de recorte de gênero, já que esta foi a preocupação que inicialmente nos incitou à convivência com as mulheres no ambiente do CAPS AD. Nos limites desse trabalho, tal discussão não é possível, mas permanece como horizonte que merece ser investigado, especialmente porque não encontramos nenhum estudo pautado na perspectiva de gênero e dedicado à temática da abstinência em mulheres com histórico de uso abusivo de substâncias.

Reconhecendo outros limites que a pesquisa possui, especialmente pelo número reduzido de participantes e pelo acesso transversal às suas trajetórias de vida, compreendemos que estes resultados lançam luzes

sobre como mulheres brasileiras são capazes de elaborar os próprios processos de uso abusivo de substâncias e abstinência. E esperamos que possam contribuir para o propósito de Elis, ao conceder-nos a entrevista: ajudar outras pessoas com sua história de superação.

Referências:

1. Ministério da Justiça (BR). Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 4. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2011.
2. Presidência da República (BR), Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. [Internet]. Diário Oficial da União. 2001 [cited 2023 Apr 12]; Seção 1. Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm
3. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Assistência à Saúde. III Conferência Nacional de Saúde Mental: Caderno Informativo. Brasília: Ministério da Saúde; 2001 [cited 2023 Apr 12]. Available from: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0210IIIcnsm.pdf>
4. Ministério da Saúde (BR), Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde; 2003 [cited 2023 Apr 12]. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf
5. Cruz NFO, Gonçalves RW, Delgado PGG. Regress of the psychiatric reform: the dismantling of the national Brazilian mental health policy from 2016 to 2019. *Trab Educ Saúde*. 2020;18(3):e00285117. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00285>
6. Santos JAT, Perruci LG, Pegoraro NPJ, Scherer ZAP, Souza J, Santos MA, et al. Use of psychoactive substances in women in outpatient treatment. *Rev Bras Enferm*. 2019;72:178-83. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0399>
7. Meyers SA, Earnshaw VA, D'Ambrosio B, Courchesne N, Werb D, Smith LR. The intersection of gender and drug use-related stigma: A mixed methods systematic review and synthesis of the literature. *Drug Alcohol Depend*. 2021;223:108706. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.108706>
8. Schamp J, Simonis S, Roets G, Van Havere T, Gremeaux L, Vanderplasschen W. Women's views on barriers and facilitators for seeking alcohol and drug treatment in Belgium. *Nordisk Alkohol Nark*. 2021;38(2):175-89. <https://doi.org/10.1177/1455072520964612>
9. Silva FJG Júnior, Monteiro CFS. Alcohol and other drug use, and mental distress in the women's universe.

- Rev Bras Enferm. 2020;73(1):1-8. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0268>
10. Alves TM, Rosa LCS. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. Rev Estud Fem. 2016;24(2):443-62. <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p443>
11. Shirley-Beavan S, Roig A, Burke-Shyne N. Women and barriers to harm reduction services: a literature review and initial findings from a qualitative study in Barcelona, Spain. Harm Reduct J. 2020;17(78):1-13. <https://doi.org/10.1186/s12954-020-00429-5>
12. Lynch FL, Peterson EL, Lu CY. Substance use disorders and risk of suicide in a general US population: a case control study. Addict Sci Clin Pract. 2020;15(14):1-9. <https://doi.org/10.1186/s13722-020-0181-1>
13. Assis DF, Castro NT. Alcoholism in Women: the beginning of drinking and the search for treatment. Textos Contextos [Internet]. 2010 [cited 2023 Apr 9];9(2):358-70. Available from: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7260>
14. Rigotto SD, Gomes WB. Contexts of abstinence and setback in the recovery of chemical dependence. Psic Teor Pesq. 2002;18(1):95-106. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100011>
15. Husserl E. Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica. Torino: Einaudi Editore; 2002.
16. Stein E. Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. Freiburg: Verlag Herder GmbH; 2010.
17. Stein E. Introducción a la filosofía. Vol. 2, Obras completas: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920). Burgos: Monte Carmelo; 2005. p. 555-913.
18. Stein E. Il problema dell'empatia. Roma: Edizioni Studium; 1998.
19. Stein E. Estructura de la persona humana. Vol. 4, Obras completas: escritos antropológicos y pedagógicos. Vitoria: El Carmen; 2003. p. 555-749.
20. Cardoso CRD. Contribuições de Edith Stein para a epistemologia das ciências e para a psicologia científica [Thesis]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2012 [cited 2023 May 05]. Available from: <https://doi.org/10.11606/D.59.2012.tde-11102013-150442>
21. Antúnez AEA. Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia [Dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2013 [cited 2023 May 05]. Available from: <https://doi.org/10.11606/T.47.2013.tde-02072013-091902>
22. Carneiro SFB. A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da Fenomenologia de Edith Stein [Dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2016 [cited 2023 May 05]. Available from: <https://doi.org/10.11606/T.47.2016.tde-16082016-115100>
23. van der Leeuw G. Fenomenología de la religión. México: Fondo de Cultura Económica; 1964.
24. Silva NHLP. Saúde mental na estratégia saúde da família: uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein [Dissertation]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2017 [cited 2023 May 05]. Available from: <https://doi.org/10.11606/T.59.2017.tde-21102013-151555>
25. Bello AA. Senso del sacro: dall'arcaicità alla desacralizzazione. Roma: Castelvecchi; 2014.

Contribuição dos autores

Concepção e desenho da pesquisa: Júlia Campos da Costa Pereira, Carolina de Resende Damas Cardoso, Yuri Elias Gaspar, Roberta Vasconcelos Leite.

Obtenção de dados: Júlia Campos da Costa Pereira.

Análise e interpretação dos dados: Júlia Campos da Costa Pereira, Carolina de Resende Damas Cardoso, Yuri Elias Gaspar, Roberta Vasconcelos Leite.

Redação do manuscrito: Júlia Campos da Costa Pereira, Carolina de Resende Damas Cardoso, Yuri Elias Gaspar, Roberta Vasconcelos Leite.

Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual importante: Carolina de Resende Damas Cardoso, Yuri Elias Gaspar, Roberta Vasconcelos Leite.

Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Conflito de interesse: os autores declararam que não há conflito de interesse.

Recebido: 12.05.2023

Aceito: 27.11.2023

Editor Associado:
Fabio Scorsolini-Comin

Autor correspondente:

Júlia Campos da Costa Pereira

E-mail: juliacape@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6357-797X>